

## A propósito da Infelicidade de Linguagem do CEMGFA ocorrida em Julho de 2019

Vai por aí um alvoroço, a meu ver injustificado, por só agora o comandante operacional das FA ter-nos dado conta de que a situação do Exército atingiu a cota do insustentável! C'os diabos mas isto só é novidade para quem não está atento nem se informa do dia a dia, penoso, que se vive em TODAS as unidades de que não dou exemplos concretos por respeito com a vergonha alheia.

Perante tudo isto resolvi alinhar meia dúzia de reflexões que aqui vão ao correr da pena para demonstrar que o “desastre” actual era inevitável e veio para ficar.

.....  
Uma vez, há muito tempo, foi necessário acorrer a Moçambique onde os alemães pretendiam alargar a sua presença. Expedições sucessivas foram organizadas e enviadas para África mas não se prepara uma força militar só com boa vontade e o resultado foi o envio de forças mal instruídas, mal equipadas, mal comandadas e desorganizadas. Foi um completo desastre militar onde se perderam milhares de vidas que o País esqueceu e são ignoradas pela generalidade de civis e militares. Não aprendemos a lição como é tradição!

Uma outra vez, há muito tempo, a governação cá do burgo decidiu ir para a guerra nos campos de França. Arregimentados os mancebos como gado, deficientemente instruídos e mal armados e equipados, lá foram sendo transportados para França onde as dificuldades foram imensas, o comando deficiente, quando não ausente, até que, um dia, o desastre aconteceu a 9 de Abril. De lá regressou um exército derrotado sem honra nem glória.

Mas, mais uma vez, não aprendemos a lição e 9 anos volvidos, em Agosto de 1925, o General Gomes da Costa discursando perante o Ministro da Guerra dizia-lhe que certamente saberia **“o miserável estado do Exército, desprovido de organização, de instrução, de armamento e equipamento e incapaz de oferecer uma resistência séria”**.

Mais uma vez não se tinha colhido ensinamento que impedisse a repetição de futura hecatombe.

**Chegados ao final dos idos de cinquenta, a adesão à NATO obriga à reorganização do Exército cumprindo-se a tradição de que, “quando há estrangeiros a ver, não gostamos de botar má figura”.**

Comando competente, instrução afinada, novos materiais e equipamentos reerguem o exército da miséria dourada em que se encontrava.

Um ministro inteligente, general Botelho Moniz, apoiado por oficiais competentes e realizadores inicia em 1958 a preparação das tropas para acorrer ao Ultramar, onde “adivinjava” a borrasca, sabendo que a defesa da Índia e das PU africanas tinha que ser feita, mais uma vez, **com a prata da casa**.

São então enviadas missões à Argélia, França, Inglaterra, Espanha e Bélgica para adquirir conhecimento sobre a guerra subversiva e criado o CIOE em Lamego onde são organizadas e treinadas as primeiras companhias de Caçadores Especiais.

A partir de Junho de 1960 são enviadas as primeiras 4 companhias de combate para Angola a que se seguiriam mais 91 em 1961 e 29 em 1962. Para Moçambique marcharam 2 companhias de combate em 1960 seguidas de mais 21 em 1961 e 9 em 1962. **Resumindo, em 1960 e 1961, o planeamento iniciado em 1958, para o Exército, recrutou, treinou e embarcou para Angola e Moçambique 118 companhias de combate a que juntou apoio de combate e logística!** Devemos à geração de competentes comandos do Exército, na década de 50, terem aprendido com os desastres de antanho e intentado, em tempo útil e com êxito, recuperar o Exército para fazer face à ameaça em África.

De 1961 a 1975 a metrópole projectou para Angola, Moçambique e Guiné 1895 companhias de combate (infantaria, artilharia e cavalaria). Organização, competência e empenho são os traços dominantes dos 14 anos de guerra que não foi uma festa antes uma longa e sofrida caminhada de milhares de cidadãos. Mas fizemos e tivemos um Exército.

Finda a guerra e regressados à casa-mãe não demorou muito tempo a voltarem à tona os “achistas incompetentes”.

Na ânsia de acabar com o SMO, “inventaram”, em 1991, o inaudito serviço militar com a duração de 4 meses que permitiu decretar o fim do SMO em 1999 (efectivado em 2004) para gáudio e festejos das juventudes partidárias do “centrão político” já então em treino intenso para se apoderarem das sinecuras do Estado por onde hoje navegam em regime de monarquia.

**Começou então a caminhada para o exército profissional que afinal virou o desastre actual revelado publicamente pelo actual CEMGFA que, enalhado numa “infelicidade de linguagem”, declarou o fim próximo (situação insustentável).**

Nada que, quem sabe deste mister, não previsse há muito e o afirmasse amiúde sem que de tal resultasse algo mais do que bocejos.

Cabe aqui recordar que, em 1999, o deputado João Amaral dizia na AR *“Não se pode dar um salto como este [FA profissionalizadas] para depois verificar que afinal o sistema não funciona, que não há gente suficiente para as necessidades, que se provocou uma crise grave nas Forças Armadas designadamente quanto à sua aceitação pelo país, que se retirou toda a eficácia a quaisquer mecanismos que assentem na obrigatoriedade do serviço militar, deixando a componente militar de defesa poder degradar-se e perder os padrões mínimos que o país lhe exige”*.

É claro que os “achistas”, que nunca calçaram botas, ouviram, bocejaram e apregoaram a excelência da política seguida.

Recordo o ministro Severiano Teixeira que, em 2006, anunciava **a reforma histórica do Exército de base territorial para outro de base operacional o que significava a mudança de um Exército que estava fundamentalmente voltado para as missões no território para outro de missões no exterior.**

Ainda hoje vivo pasmado com esta enormidade pelo seu ineditismo na história militar do meu País.

Pouco tempo volvido, em 2007, qual dilecto aluno do Severiano, o então ministro da Administração Interna, hoje PM da República, dizia **“E o facto de hoje o exército ter deixado de ser um exército territorial e ser sobretudo um exército consumido para a sua projecção internacional, a única força militar que pode assegurar a quadrícula nacional é a GNR. É uma força de reserva, de retaguarda”**.

Resumindo, o “estado a que o Exército chegou” não foi acaso, nem má vontade, nem distração antes resulta de uma concepção inédita nos anais da história militar do País que se vem afirmando, sem dificuldade, face à passividade e bonomia de militares, jornalistas, colonistas, deputados e outros interventores no espaço público. Não há pois razões para queixumes já que o exército virou coisa de reduzido interesse para a defesa militar da polis sobrando-lhe a oportunidade de ir intervir fora de portas.

Daqui resultou que o Exército, uma vez mais, entrou em agonia de que só voltará a recuperar em estado de necessidade ou de sobrevivência.

No entendimento desta “gatinha sem eira nem beira”, que nos desgoverna, o País pode dormir sossegado até ao próximo sobressalto.

Resta pois aguardar que a realidade futura obrigue a tornar visível que continuamos a ser um país pobre de recursos e que vive na ilusão de que a despesa estrutural não tem limites. Acresce que não há soberania sem Exército e que o actual modelo está esgotado sendo certo que o problema não é apenas de efectivos como nos querem fazer crer. Bem mais grave é a falta de todo o tipo de armamento de que um exército operacional carece e que o nosso não tem há décadas! E, pior, à medida que o tempo passa aumenta o número de quadros sem experiência do comando de tropas que só se adquire quando há unidades constituídas onde se treina e avalia o treino. Ora unidades constituídas, ou seja, com os meios orgânicos de pessoal, armamento individual e colectivo e logística montada não existem há muito. O cenário é de miséria quando visto por quem calçou as botas muito cedo e palmilhou matas, montes e vales a comandar e a treinar pessoal para combate.

O tempo vai passar e chegaremos certamente ao SMO donde nunca devíamos ter saído porque era instrumento definidor da cidadania e só há Defesa quando predomina a vontade de defender.

Portugal só teve Exército válido em contexto de SMO que será inevitável quando surgir, repito mais uma vez, o estado de sobrevivência ou de necessidade.

É sina nossa e, como dizia o outro, “Aguentem”.

Amadora, 22 de Julho de 2019

Morais da Silva

(artilheiro-infante, combatente e reformado)